

Pensamento crítico e apropriação teórica em Educação Musical:

o Projeto Carnavália

Vânia Beatriz Müller

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
vabem@yahoo.com.br

Beatriz Woeltje Schmidt

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
beatrizwschmidt@gmail.com

Elaine Cristina da Silva

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
elainesallas@gmail.com

Resumo: Este trabalho relata a experiência de uma turma de licenciandos em música, no desenvolvimento do Projeto Carnavália, surgido como objetivo de uma disciplina curricular, no segundo semestre de 2014. O referido projeto teve como objetivo oportunizar aos futuros educadores musicais a compreensão, apropriação e o uso de fundamentos teóricos a partir das duas atividades nele solicitadas aos estudantes: atuações pedagógico musicais e performance musical, envolvendo as crianças de um 4º Ano dos Anos Iniciais, em uma escola da rede pública de ensino e, também, turmas de disciplinas curriculares da Licenciatura em Música da UDESC, que tratam do canto, e outras de percussão; ou seja, um dos desafios colocados propositalmente era a interdisciplinaridade. A partir de atividades desenvolvidas durante o projeto, discorreremos sobre os pressupostos sistêmicos do neoliberalismo e as associações diretas que foi possível estabelecer, com o modo também sistêmico de organização escolar, tanto no ensino básico quanto na universidade: a fragmentação, o individualismo, a homogeneização e o produtivismo. Procuramos demonstrar aqui como foi “sentir na pele” estes pressupostos, pelas dificuldades que trouxeram ao desenvolvimento prático, envolvendo crianças e adultos; mas também uma ampliação e aprofundamento do pensamento crítico desenvolvido, bem como do desejo de atuar em Educação Musical. O Projeto em sua totalidade mostrou como a música pode sensibilizar e transformar os indivíduos envolvidos na performance musical, começando por nós próprios, criando um forte senso de coletividade.

Palavras chave: Interdisciplinaridade. Formação de pensamento crítico. Formação de educadores musicais.

Introdução

O *Projeto Carnavália* surgiu na disciplina Projetos em Educação Musical II, no curso de Licenciatura em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina, em 2014.2, com o objetivo central de oportunizar aos futuros educadores musicais a compreensão, apropriação e o uso de conceitos e fundamentos teóricos, enquanto estivessem em atividade pedagógico musical e em performance musical.

Os conceitos e a fundamentação teórica a que nos referimos dizem respeito à formação ético-político-pedagógica do/a futuro/a educador/a musical; ou seja, tratam de temas e autores/as através dos quais passamos a ampliar nosso pensamento crítico e consciência política. É nesta direção que esta disciplina curricular de graduação nos oportunizou aprofundar nosso discernimento quanto ao modo e aos valores que sistemicamente ordenam e normatizam a sociedade onde estamos inseridas/os.

O senso de coletivo, por exemplo, é um dos nossos temas caros, pois problematizamos o individualismo como um dos pressupostos do neoliberalismo (PELLANDA, 2001, p.11). Assim, procuramos realizar as tarefas necessárias sempre observando em que medida e de que modo o senso de coletivo se fazia presente, tanto entre os componentes durante a elaboração do projeto, quanto entre os demais grupos de estudantes e suas respectivas professoras, que constituíram o presente projeto. Por isto mesmo, ele foi propositalmente idealizado como interdisciplinar: envolveu três turmas da disciplina Grupos Musicais II e IV-Expressão Vocal e duas turmas de Grupos Musicais II e IV-Percussão. Só neste fato, já pudemos experimentar uma alteridade: fazer interdisciplinaridade, considerando o contexto de nossa graduação que, tradicionalmente, é de disciplinas sem conexão entre si, fragmentadas.

Além disso, o projeto envolveu uma turma de 4º ano dos Anos Iniciais, da Escola de Educação Básica Simão José Hess da rede estadual de ensino de Santa Catarina, em Florianópolis, em que pudemos atuar ao lado de bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES), da área Música. Neste contexto, contamos com o apoio da professora de Artes da turma, a coordenadora do PIBID Música e a direção

da escola.

Objetivos do projeto:

- a) Planejar, arranjar e realizar uma performance musical com a canção Carnavália¹, envolvendo uma turma de crianças de 4º Ano dos Anos Iniciais, três turmas da disciplina Grupos Musicais Expressão Vocal e duas turmas de Grupos Musicais Percussão.
- b) Desenvolver o projeto processualmente em cinco encontros com as crianças.
- c) Fundamentar teoricamente a Educação Musical subjacente ao arranjo musical e as atividades músico pedagógicas na escola, conforme a realidade dos dois contextos aqui envolvidos e a diferença etária (crianças e adultos).
- d) Oportunizar aos graduandos a apropriação da teoria para torná-la *práxis*².
- e) Descrever o processo das experiências que por meio deste projeto foram vivenciadas.

A escola enquanto produto e (re)produtora da cultura³

Durante o desenvolvimento do projeto, ao longo do semestre, fomos ampliando nossa noção da responsabilidade sociocultural de um/a educador/a musical, na medida em que íamos vislumbrando possibilidades de “fazer diferença” nos contextos de nossa futura atuação, principalmente quando tomamos por princípio uma de nossas lições mais fundamentais: a escola é produto e (re)produtora da cultura (BOURDIEU, 2006; ORTIZ, 2003; PELLANDA, 2001; GENTILI, 1995), ou seja, produto e reprodutora dos valores e da moral subjacentes às práticas sociais.

Entendemos a escola enquanto *produto* cultural, pois é uma instituição gestada no modelo fabril de organização, que visa produção em larga escala, de bens de consumo, o

¹Composição do grupo Tribalistas.

²Teoria internalizada e vivenciada em práticas de educação musical.

³ Utilizamos aqui um conceito trazido por Geertz (1989) de que a cultura é formada por teias de significados tecidas pelo homem. A cultura enquanto os valores, a moral e a ideologia que subjazem e norteiam as práticas sociais.

quê se amplia exponencialmente no âmbito da produção industrial. Entendemos a escola enquanto *reprodutora* da cultura já que perpetua a fragmentação, o individualismo, a competitividade mercadológica, a homogeneização e, não raro, reifica a subalternidade das identidades sociais já denegridas historicamente em diversos contextos – a saber, o gênero, etnia, classe, sexualidades, geração.

Outro aspecto a ressaltar na consciência que passamos a tomar da escola enquanto reprodutora, por exemplo, da lógica do mercado, é a constatação das razões pelas quais ela, em inúmeros casos, oferece uma relação superficial e instrumentalizada com o Conhecimento, balizada pelo *status* hierárquico atribuído às distintas áreas e especializações. Vimos que, não por acaso, isto ocorre conforme as respectivas demandas e competitividades do mundo do trabalho. Ilustramos isto em aula observando as escolas que divulgam em *out doors*⁴ seus percentuais de aprovação nos vestibulares das universidades mais buscadas da região. Desta forma, quando identificamos associações diretas que pudemos estabelecer entre a escola e o produtivismo mercadológico, pudemos compreender a “educação- produto-de-consumo”, inclusive a partir de memórias de nossas próprias histórias escolares, nas quais identificamos o que seja uma relação superficial, massificada e utilitarista com o Conhecimento e a hierarquização entre os saberes.

Acreditamos numa educação humanizante, para a vida, em que estudantes - crianças ou adultos - não se tornem passivos, sem questionamento e crítica, inseridos no modelo de ensino baseado na repetição e não criação de conteúdo. Lidar com esta descoberta – escola reprodutora do sistema neoliberal – assusta e desmotiva quem trabalha com educação, vendo tantos educadores trabalhando desta forma fragmentada, individualizada, competitiva e, em muitos casos, sem sentidos (PELLANDA, 2001).

Vimos que as/os estudantes podem ser facilmente equiparados a operários de fábrica, reproduzindo rapidamente uma linha de “pensamento”, segmentada, sem a noção do todo. Assim, estudam conteúdos em que são chamados de disciplinas, com troca de salas,

⁴ Grandes anúncios publicitários nas ruas da cidade

horário e sinal sonoro que, para muito além de marcar apenas o tempo de duração de cada atividade, marca também a separação entre saberes, seus respectivos espaços delimitados e, por consequência, a separação das pessoas, em mundos paralelos e desconectados, habitando concomitantemente a escola, a universidade. Ainda podemos associar a escola a um reformatório ou prisão, onde os estudantes vivem em salas isoladas e o currículo chama-se “grade” curricular, situando-se atrás dela e presas, as disciplinas; e, ainda, para passar pelas disciplinas são executadas provas – há que provar sua validade, seu valor, como alguém que precisa provar sua inocência (MOSÈ, 2009).

Associando este contexto descrito com a educação musical, também sabemos que o que mais importa para muitas escolas, e também escolas de música/conservatórios, é a apresentação no final do ano para os pais e não o processo pelos quais as crianças passam para realizar a apresentação – outra associação com a lógica do mercado, onde o foco está no produto final, e seu êxito e visibilidade junto ao consumidor/cliente.

Outro aspecto a considerar é que professores são mal remunerados e já não acreditam em mudanças, como pudemos observar em experiências de estágio ao longo da graduação e na ambiência da escola do PIBID Música: alguns estagnados no trabalho, reproduzindo apostilas, mantendo seus alunos em “ordem” e passando o conteúdo, muitas vezes sem sentido para os estudantes, quando não, inútil e vazio de temas que eles próprios gostariam de abordar. Por esta realidade refletir o senso comum - negativo - sobre ser educador/a, vimos o quão fundamental foi elaborar atividades favorecendo o coletivo, as singularidades e valorizando cada vivência e cada etapa do processo de desenvolvimento musical das crianças; porque nos situa enquanto educadoras que acreditam numa educação musical atenta à fragmentação, ao individualismo, que não valorize a competitividade e hierarquias. O favorecimento de atividades que visam romper com o status sistêmico da hegemonia traz um sopro de vida dentro da rotina esquemática, pré-estabelecida e, em geral inquestionável, da escola, contagiando docentes mais descrentes e proporcionando aos estudantes momentos de ludicidade, alegria e fruição na relação com o Conhecimento.

Sentindo na pele a fragmentação e o individualismo

Observando nossos colegas da graduação e professoras das disciplinas envolvidas, durante o desenvolvimento das atividades íamos dimensionando a diferença radical de uma formação que engendra o pensamento crítico, ao nos colocar de frente – e talvez, dentro – de pressupostos que sistemicamente caracterizam e constituem a lógica neoliberal. Nos referimos à fragmentação que se eschava diante de nós, no âmbito do departamento de música, na universidade, pela dificuldade de juntar os graduandos com aulas nas diferentes disciplinas, além do estranhamento que a proposta causava em alguns. Igualmente importante foi identificar, ao longo do desenvolvimento do projeto, os pressupostos “homogeneização das consciências, o ataque aos vínculos – [intimamente atrelado à fragmentação], a formalização, a verdade única e a lógica do mercado” (PELANDA, 2001, p.14).

A cada ensaio, integrantes diferentes compareciam e o arranjo elaborado nas aulas de Projetos em Educação Musical II crescia, se modificando a cada encontro, causando instabilidade no grupo e, conseqüentemente, desconfiança quanto à legitimidade do projeto. Em diversos momentos ficamos cercados pelos elementos que caracterizam o sistema neoliberal que muitas vezes impediram a realização das tarefas planejadas no decorrer do Projeto Carnavália. As dificuldades trouxeram um grande aprendizado de como identificar e lidar com essas características sistêmicas.

O quê identificamos nas atividades musicais como alteridade quanto ao sistema:

Grande parte das atividades ocorriam em círculo trabalhando a questão da oralidade, para que houvesse interação entre todos; com espaço para sanar qualquer questionamento sobre o quê e como fazer. Além disso, cantamos uma letra que propõe “outra escola”: “Vem pra minha ala que hoje a nossa escola vai desfilar, vem fazer história que hoje é dia de glória nesse lugar! ”.

FIGURA 1 – Aprendendo a canção em círculo, coletividade.



Fonte: das autoras

Elaboramos atividades que valorizavam a não homogeneização e favoreciam a supervalorização dos contrastes: timbres da voz adulta com a voz infantil, som de vento com o som de metais, som da água com som de madeiras e outros timbres. Além disso, o arranjo elaborado para a música Carnavália proporcionou a desconstrução da hierarquia entre os instrumentos musicais: objetos sonoros alternativos ao lado de um piano, violão e trombone, este também produzindo “ruídos” e imitando o som dos agogôs tocados por três garotos, com o ritmo do Maracatu. Isto, intencionalmente, para mostrar às crianças uma maneira de lidar com a matéria sonora: brincando. Mesmo se tratando de um músico trombonista profissional, como era o caso deste colega de turma, o qual, ciente do contexto e de nossa fundamentação teórica, supervalorizou os momentos de improviso entre o trombone e os agogôs tocados por estes três meninos, oportunizando uma intensa experiência musical a eles.

Pensamento crítico e apropriação teórica em Educação Musical

FIGURA 2 - Crianças do 4º Ano em atividade com objetos sonoros alternativos



Fonte: das autoras

O Projeto Carnavália se inseriu na Escola de Educação Básica Simão José Hess, fazendo parte das aulas de educação musical da turma do 4º ano. As crianças conheceram a música “Carnavália” por meio de um clipe, e logo já estavam acompanhando com as letras que haviam sido distribuídas. Em seguida, uma graduanda os acompanhou no violão e outras ajudavam a conduzir a canção, despertando confiança nas crianças. Após o aprendizado da letra da música, outra colega graduanda desenvolveu um exercício em círculo para a experimentação do ritmo do maracatu corporalmente, dividindo a turma em dois grupos: um fazendo a clave do agogô e o outro a célula da alfaia. Após o exercício as crianças já estavam sonoramente incorporadas pelo que foi aprendido e a relação de confiança já estava estabelecida com grande parte da turma.

O dia 27 de novembro: dia para o encontro do 4º Ano com as turmas das disciplinas da Licenciatura em Música para apresentar a canção Carnavália no auditório do Departamento de Música. A professora de artes conta que ao chegar à Universidade apresentou aos estudantes do 4º ano alguns espaços daquele lugar tão diferente; como disse uma das crianças “a escola dos adultos”. Ela descreve:

- Foi comovente os questionamentos sobre não ter sinal marcando o tempo e sobre ser tão bonita a tal universidade. Foi uma tarde bem diferente para as crianças em que algumas diziam ser a melhor aula de artes que já tinham vivido.

A apresentação foi feita com seriedade por parte das crianças. Tinham os olhares dos pais, dos professores e diretores da escola, além de vários olhares desconhecidos. Quando a música começou era tamanha entrega, que compenetrados na regência, sorriam e cantavam intensamente. Assim que acabou, em meio a lágrimas e aplausos, fomos para o teatro de arena, ao ar livre, celebrar o final deste grande processo, com uma Ciranda. E ao final o seguinte relato de uma professora:

- Achei muito legal o projeto, olha; muito bacana o que vocês fazem. Essa intersecção com os adultos e eles se sentindo ali no mesmo patamar ou indo pra isso, achei muito bacana.⁵

A ciranda foi vivenciada por todos os participantes que estavam na performance do Projeto Carnavália: crianças, estudantes, pais, coordenadores, ouvintes, professores, músicos, etc. Todos os participantes estavam neste momento de mãos dadas numa roda bem grande formada no teatro de arena. Alguns alunos, cerca de seis estudantes do curso de Licenciatura em Música estavam do lado de fora, porém, interagindo diretamente, tocando os instrumentos que embalavam a ciranda. A brincadeira começou, todos juntos girando na levada da ciranda, ensaiando passos, sorrindo e se divertindo. Logo depois, algumas pessoas começaram a cantar as “Duas Cirandas – Folclore do Recife”, e quem não conhecia, foi aprendendo a letra na hora. A roda que misturava crianças e adultos de mãos dadas representava um vínculo fortalecido coletivamente, o que nos remeteu imediata e fortemente, ao aspecto comunitário e vivencial da música (SMALL, 1989). Quando todos estavam cantando, um outro círculo ao centro se formou para a segunda voz da música. Pessoas ao redor admiravam o momento. A música cessou, todos aplaudiram e vibraram.

Toda a performance da Ciranda foi executada espontaneamente, somente com a vivência e entrega das pessoas ao momento. A roda representava também o fechamento do Projeto, toda a coletividade que queríamos em educação musical, sem fragmentação, sem individualidades, hierarquias, foi posta em prática naquele instante. Isto

⁵ Professora de história do ensino médio da escola que nos acompanhou levando algumas das crianças para a apresentação.

aconteceu pelo vínculo formado entre escola e universidade que se deu durante este Projeto, além do entendimento da professora de artes da escola que propôs, de improviso, a realização da ciranda na parte externa da universidade.

FIGURA 3 – Ciranda



Fonte: das autoras

Pudemos observar, durante o processo de realização do presente projeto, que o sistema não favorece atividades interdisciplinares; que a fragmentação é imprescindível para o produtivismo; que a aceleração de qualquer fase do processo da produção de qualquer coisa, como a de uma das tarefas que tivemos neste projeto coletivo, se deu com uma fragmentação mais, a acompanhá-la, do que decorreram mais individualizações. E viemos a constatar que, no senso comum dos serviços que utilizamos em Educação e nas instituições em geral, é considerado muito mais natural, por exemplo, fragmentar, do que unir. Tivemos a oportunidade, não comum na academia, durante o curso de Licenciatura em Música, de uma experiência (BONDÍA, 2002) na qual pudemos subverter a ordem e o *habitus* (BOURDIEU, 2006) da fragmentação do conhecimento, uma lógica *squizzo* (PELLANDA, 2001) sejamos, na prática e musicalmente transversalizadas/os pelo que acreditamos teoricamente.

Este projeto é resultado de reflexões e estudos que nos deixam tanto com esperança de que é possível “uma Educação Musical implicada com os modos de vida dos contextos sociais” (MÜLLER, 2005) de nossa atuação, quanto confiantes no seu poder de intervenção e transformação individual e coletiva, na escola e nos chamados projetos sociais. Este projeto é resultado, também, do desejo de levar os futuros educadores

musicais a se verem valorizados como docentes pesquisadores, uma vez que seu olhar e sua escuta passam a captar a complexidade das relações sociais e seus contextos, e a ter consciência de que os grupos sociais são constituídos de representações culturais, já que toda prática musical é uma prática e ritual social (SMALL, 1989).

No entanto, com este projeto, pretendemos sistematizar teoria e prática apontando para uma Educação Musical humanizadora; que oportuniza experiência musical valorizando as singularidades e seus tempos e espaços, ao invés da competitividade e da comparação entre pessoas e seus produtos musicais finais; que engendra sensibilidade com o outro e empoderamento autopoietico em cada passo dado, pensando processualmente em cada micro atividade. Por isto, a performance musical de Carnavália, independente dos saberes e níveis de desenvolvimento musical das crianças e adultos participantes, enquanto fruir artístico, intersubjetivo, autopoietico, inútil sistemicamente, foi o nosso fundamento primeiro. Acreditamos que o lugar escola a partir de um processo interdisciplinar, executado de tal maneira, desperta espaços de ressignificação enquanto estrutura sistêmica, negociando coletivamente o avanço de atividades que redimensionem os viveres artísticos e as formas de aprender.

A partir do momento que educadores musicais compreendem melhor o contexto em que estão trabalhando, isto é, a escola como reprodutora da cultura, desenvolverão maneiras de pensar propostas favoráveis à educação musical. Além disso temos que considerar que a música faz parte do nosso cotidiano, parte do ser humano, então, entende-se que a educação musical lida diretamente com o social. Pensar politicamente é compreender o funcionamento deste sistema social para assim propor atividades em educação musical, pertinentes com a humanidade que caracteriza nossa natureza. A formação de educadores musicais politizados, além de instruir para a vida, ensina caminhos de ensino-aprendizagens que exploram a interação das subjetividades, valorizando cada singularidade dentro de atividades coletivas. A partir destes entendimentos e propostas, como este Projeto, é possível vislumbrar a capacidade da educação musical de influir positivamente nos indivíduos inseridos na performance musical. Se entendermos o quão transformadora a música pode ser dentro deste sistema e

qual o seu lugar no contexto social, creio que seremos melhores educadores musicais.

Nesta direção, este projeto nos oportunizou uma *experiência* – no sentido atribuído por Bondía (2002) – com a alteridade; desde o *modus operandi* na sua elaboração e planejamento, até sua realização musical e realização das atividades músico pedagógicas junto às crianças do nosso 4º Ano, passando pelo manuseio e maceração dos nossos conceitos teóricos. Ou seja, uma experiência (BONDÍA, 2002) na qual fomos, na prática e musicalmente, transversalizadas/os por aquilo que nos orienta e em que acreditamos teoricamente.

Afetados subjetivamente pelo projeto, ouvimos de pais e funcionários da escola sobre a importância artística e política da relação interdisciplinar Escola - Universidade. Para as crianças do 4º ano do ensino fundamental, o processo foi extremamente prazeroso e profundo, fazendo com que esperassem ansiosamente pela semana seguinte de atividades. Para a turma, esta experiência com o conhecer foi efetiva, demonstrada no engajamento, alegria, afeto e olhinhos brilhantes.

FIGURA 4 – Performance do Projeto Carnavália. Auditório do Departamento de Música, 27.11.14.



Fonte: das autoras

Referências

BONDÍA, José Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução João Wanderley Giraldi. *Revista Brasileira de Educação*, n.19, p. 20-28, 2002

BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: ZOUK; São Paulo: EDUSP, 2006

GENTILI, Pablo. Neoliberalismo e educação: manual do usuário. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; GENTILI, Pablo. *Escola S.A.: quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo*. São Paulo: Editora CNTE, 1995. p. 9-49.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

MOSÉ, Viviane. Desafios Contemporâneos: A Educação. *Café Filosófico*: CpfL Cultura, set. 2009. Disponível em: <<http://www.cpfcultura.com.br/wp/2009/12/01/integra-desafios-contemporaneos-a-educacao-viviane-mose/>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

MÜLLER, Vânia Beatriz. Por uma Educação Musical implicada com os modos de vida de seus cenários de atuação. *Revista da ABEM*, Porto alegre, v.12, p.43-48, 2005.

ORTIZ, Renato. *A Sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Olho d'Água, 2003

PELLANDA, Nize. À Guisa de introdução: reflexões sobre neoliberalismo e subjetividade. In: MCLAREN, Peter. *Pedagogia da Utopia*. Conferências da UNISC, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001. p.7-27.

SMALL, Christopher. *Musica, sociedad, educación*. Madrid: Alianza Editorial, 1989.